

FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE ESTÁGIO E PROBLEMÁTICAS

Taís Pires de Oliveira¹; Tânia Peres de Oliveira²

Resumo: A realização do estágio é um momento importante para o aluno, pois neste período depara-se com a rotina diária da carreira escolhida a exercer. No entanto, este momento não é vivenciado por todos da mesma forma. Em alguns casos, situações desmotivadoras se fazem presentes, influenciando na decisão de seguir, ou não, na profissão. Tal fato foi observado de forma frequente nas falas de pessoas em diálogos informais, ao relatarem as razões que motivaram a desistência da carreira docente. Neste sentido, este artigo teve por objetivo expor algumas situações e reflexões vivenciadas no estágio à docência em Geografia, visando problematizar determinadas circunstâncias que levam a desistência destes licenciados antes de ingressarem no mercado de trabalho. Ainda sendo o estágio realizado na disciplina de Geografia, não se trata, apenas, de uma análise voltada às dificuldades encontradas em trabalhar o domínio e a transposição de conteúdo, mas sim, de problemas como indisciplina dos alunos, o medo, condições de trabalho, dentre outras questões que abarcam a licenciatura e que fazem emergente uma preparação profissional, considerando o lado humano destes futuros professores.

Palavras-Chave: Ensino. Geografia. Estágio supervisionado.

INTRODUÇÃO

Quando o assunto a discorrer tem como tema a licenciatura, surgem variadas possibilidades de abordagem. Cada uma delas carrega em si problematizações e a busca de soluções por parte de especialistas da área de ensino. Nesta gama de possibilidades está a discussão sobre os desafios e possibilidades contidos no estágio supervisionado, e é partindo dessa perspectiva que este artigo foi elaborado.

O estágio à docência é um momento de grande aprendizado, mas também, momento em que nos leva a tomada de decisões futuras em relação à carreira profissional. Nesse sentido, é importante considerar as falas dos alunos de licenciatura envolvidos neste processo, atentando-se as suas dúvidas, expectativas e ansiedades, objetivando a permanência destes alunos na carreira docente, além de um melhor desempenho.

A motivação para o desenvolvimento deste artigo surgiu a partir das diversas falas e relatos preocupantes de colegas, ainda universitários ou já formados, que desistiram ou pensam em desistir de lecionar, sem mesmo iniciarem sua vida profissional. Muitos destes comentários vinham ao encontro de nossa vivência durante o período em que o estágio foi realizado.

Assim, optamos pela exposição de fragmentos de relato de experiência realizado durante o estágio à docência na Geografia, no intuito de revelar e problematizar algumas situações que influenciam na desistência dos recém-formados na carreira de professor.

¹ Mestre, Universidade estadual de Maringá, tais_piresoliveira@hotmail.com

² Mestre, Universidade estadual de Maringá, tani.peres@gmail.com

MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, elaborado no contexto do período de estágio supervisionado realizado entre os anos de 2012 e 2013. O estágio foi realizado, em dupla, em uma escola da rede pública de ensino no município de Maringá – PR, em uma turma de 6º ano. A disciplina em questão foi Geografia, no entanto, algumas das possibilidades de discussão que se seguirão a partir do relato a ser apresentado, podem ser abarcadas por outras áreas do conhecimento que envolva a licenciatura.

Realizado como pré-requisito para a titulação de licenciadas em Geografia, este relato de experiência esteve arquivado, visto que, aparentemente, já havia cumprido o seu objetivo central. Todavia, ao longo dos anos que se seguiram, tanto na vida pessoal como na acadêmica, algumas inquietações em relação ao momento do estágio supervisionado se tornaram uma constante, se apresentando através das falas de amigos e conhecidos que, no curso de pós-graduação ou nos momentos de encontro para socialização, apontavam seus anseios e desânimos.

Inúmeros colegas, inclusive já atuando em outras áreas sem nenhum vínculo com a licenciatura, relataram situações as quais os levaram a desistir da carreira docente. Muitas destas situações, também vivenciadas por nós, nos fizeram refletir sobre a importância de expor alguns pontos e momentos de apreensão, bem como, formas de superação durante o estágio, fato que nos serviu como subsídio para seguir nesta carreira profissional.

Visto que como afirma Santos (2005):

[...] o Estágio Supervisionado Curricular, juntamente com as disciplinas teóricas desenvolvidas na licenciatura, é um espaço de construções significativas no processo de formação de professores, contribuindo com o fazer profissional do futuro professor. O estágio deve ser visto como uma oportunidade de formação contínua da prática pedagógica.

Assim, essas inquietações e apontamentos teóricos motivaram este trabalho. Nessa direção, buscando compartilhar essa experiência o relato de experiência foi dividido em três partes distintas, sendo o primeiro para compreender a importância do estágio supervisionado; o segundo foi o reconhecimento do espaço escolar; e o terceiro, a regência propriamente dita. Visando o objetivo deste artigo, será apresentado um recorte do relato de experiência focando apenas a primeira e a segunda parte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos de indisciplina nas salas de aula, as agressões contra os professores, as constantes licenças que professores solicitam devido a problemas psicológicos como stress e depressão, mostram como hoje é difícil ser professor. Além desse quadro da realidade do ambiente escolar a mídia, muitas vezes, distorce informações denegrindo a imagem da classe docente, o que conseqüentemente, causa o desprestígio por parte de quase toda sociedade. Rodrigues (2008) relata sobre as mudanças que ocorreram no ambiente escolar:

Houve uma época em que o professor era tão valorizado que representava status ter essa profissão. Aulas nos cursos ginasial e colegial costumavam ser ministradas até por médicos e engenheiros, e compensava financeiramente. Os alunos eram habituados a se colocarem de pé quando o mestre entrava na sala. O respeito aos mais velhos era regra de educação [...] (RODRIGUES, 2008).

Tais afirmações não são raras entre autores, porém, são comumente contextualizadas dentro de um cenário de mudanças sociais, políticas e culturais, que conseqüentemente, modificaram o comportamento dos próprios alunos e alarmaram muitos estudiosos da área de educação:

A indisciplina escolar não apresenta uma causa única, ou mesmo principal. Eventos de indisciplina mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas. Esta complexidade é parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada, se desejamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas (GARCIA, 1999 p.104).

A indisciplina está presente na maioria das escolas e, como futuros professores, percebemos que o mais adequado seria tentar entender o fenômeno ao invés de procurar culpados. Ao ler as análises de autores como Vasconcellos (1994) e Garcia (1999), que estudam a indisciplina na escola, entendemos que, o comportamento de crianças e adolescentes, está diretamente ligado a um universo bastante diversificado e que sofre constante influência de agentes sociais.

Para fins de sistematização, as diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas em dois grupos gerais: as causas externas à escola e as causas internas. Entre as primeiras vamos encontrar, por exemplo, a influência hoje exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. Assim, na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina (GARCIA, 1999 p.104).

Mediante a contemporaneidade, onde se busca respostas para um melhor processo de ensino-aprendizagem, estávamos prestes a vivenciar uma nova realidade, pois, se outrora éramos alunos na escola, agora regressávamos como docentes em formação e cheias de expectativas. Os anseios e as expectativas são sentimentos comuns quando nos deparamos com o desconhecido.

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros, quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos a nossa incerteza nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que se pode e do que não pode [...] (BAUMAN, 2008 p. 8).

Nesse contexto, as aulas de supervisão de estágio foram de grande valia antes e durante o período de regência, pois, colaboraram para trabalhar as incertezas, característica comum nesta fase. Nesses encontros, tivemos a liberdade de questionar, expor ideias, tomar decisões coletivamente, além do estudo das teorias, pois o domínio de conteúdo é fundamental para o desenvolvimento de um bom profissional, como relatado por Gouvêa (2008):

O processo de aprendizagem de uma profissão ocorre numa dimensão teórico-prática, fundamental para a formação de um profissional competente. A concepção de competência está alicerçada nas dimensões teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política [...] (GOUVÊA, 2008 p.62).

O momento do estágio é um importante momento para a formação do futuro professor, pois proporciona um contato direto com o ambiente escolar e sua rotina. Além de possibilitar ao discente iniciar suas práticas, utilizando os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida acadêmica. Como explicitam Pimentel e Pontuschka:

Durante o curso de graduação começam a ser construídos os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional. Em período de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão [...] (PIMENTEL; PONTUSCHKA, 2014, p. 73).

Nessa direção, essa etapa da formação docente permite que o aluno, em suas práticas, desenvolva saberes e atrele os conhecimentos disciplinares, próprios da ciência que estudo, aos conhecimentos pedagógicos, para assim alcançar um processo de ensino significativo. Esses conhecimentos são previamente adquiridos na universidade, que tem papel fundamental na preparação do aluno, futuro professor, para o estágio e toda a sua carreira profissional.

Porém, ainda que seja necessário ao professor integrar os conhecimentos geográficos aos conhecimentos pedagógicos em sala de aula, verifica-se, na formação inicial desses profissionais uma evidente desarticulação entre os conhecimentos específicos da Geografia e os conhecimentos pedagógicos. Esse problema reflete na prática profissional do docente.

Nesse sentido, existem lacunas na formação inicial dos professores e os currículos não propõem uma articulação entre o pedagógico e o conteúdo disciplinar que atenda as expectativas e necessidades do licenciando. Assim, ao discutir a formação dos professores de Geografia, Cavalcanti (2002) salienta que é preciso superar a visão, dos próprios docentes universitários, de que basta dominar bem o conteúdo da Geografia para ser professor. Pois, a atuação profissional do docente

[...] exige uma formação que dê conta da construção e reconstrução dos conhecimentos geográficos fundamentais e de seu significado social. Não basta, assim, ao professor ter domínio da matéria: é necessário tomar posições sobre as finalidades sociais da Geografia numa determinada proposta de trabalho, é preciso que o professor saiba pensar criticamente a realidade social e que se coloque como sujeito transformador dessa realidade (CAVALCANTI, 2002, p. 110).

Para esse momento, algumas decisões foram tomadas coletivamente, assim, ficou decidido que o estágio seria realizado em duplas e o principal argumento foi a segurança que um estagiário seria capaz de passar para o outro. O fato de trabalhar em equipe foi importante, pois, possibilitou a agilidade no

planejamento das aulas, troca de fontes de materiais e informações, além de nos transmitir maior confiança.

Tanto a professora de Supervisão de Estágio como a professora regente foram bastante rigorosas e colocaram como inegociável a apresentação do plano de aula, discutindo-o e realizando as readequações necessárias antes de entrar em sala de aula.

O período de regência foi intrigante e ao mesmo tempo, inquietante. Estávamos prestes a iniciar nossa regência com uma turma de 6º ano. Preparamos a aula com cuidado e sempre contando com a colaboração, tanto da professora do colégio, quanto da professora de supervisão de estágio. “O mais importante é o domínio do conteúdo” diziam as duas professoras.

Diante desta fala, foi possível compreender que, ainda não haja uma didática motivadora, mas o conteúdo em mente, é possível que o aluno aprenda o que está sendo transposto, todavia, se não existir o domínio do conteúdo, ainda que nas aulas sejam utilizados recursos como jogos, dramatização ou filmes, não existe a garantia e aprendizagem. Observamos então, a fundamental importância de um planejamento de aula bem elaborado, assim, a preparação de nossas aulas incluía a pesquisa e estudo do conteúdo a ser trabalhadas, a sequência lógica e ser seguida, além, das discussões durante as aulas de supervisão de estágio referente aos recursos e as técnicas possíveis para tratar o conteúdo.

O fato de a maioria dos estudantes da nossa turma ter realizado a regência no mesmo colégio, para o mesmo ano e sob a orientação da mesma professora, mudando somente a classe, tornou-se um fator facilitador, pois, por meio dos relatos de nossos colegas estagiários e debates nas aulas de Supervisão de Estágio conseguimos realizar trocas de experiências, perceber a necessidade de mudança, conceitos a serem aprofundados e detalhados, bibliografias a serem utilizadas, indicação de recursos didáticos, bem como, linguagens adequadas para a faixa etária.

Por mais que imaginássemos estar preparadas, a regência foi o período de maior ansiedade, a falta de experiência e o nervosismo, muitas vezes, acabavam atrapalhando e não trazendo um bom rendimento. O próprio olhar dos estudantes, que muitas vezes aparentavam cansaço, sono ou sinais de não terem compreendido o conteúdo, mostrava que precisávamos melhorar.

Um professor ou professora que se preocupa com seus alunos procura, dentro de suas possibilidades, procura estar atento ao comportamento de cada um. Os gestos, olhares e atitudes expressam, muitas vezes, coisas que o aluno não consegue ou prefere não dizer. Essas observações podem resultar em uma auto avaliação da aula, o que deve ser uma constante para que possamos fazer nossas próprias correções, buscar alternativas para as dinâmicas, novas fontes literárias e mudanças de postura.

Ao relembrar a postura dos alunos e consultar algumas bibliografias para o desenvolvimento deste relato, encontramos orientações que muito nos surpreenderam. Trata-se de pesquisas voltadas para linguagem corporal que revelam que a linguagem expressa através dos gestos, também é uma forma de comunicação, a qual reflete de maneira externa o estado emocional da pessoa.

Para Juan Díaz Bordenave (2001), é importante entender que a comunicação em sua essência se faz tanto pelas mensagens que trocamos intencionalmente, quanto por aquelas que trocamos inconscientemente, ou seja, pode ser realizada através das palavras, gestos, olhares e tom de voz. Porém, ao nos aprofundamos no assunto, percebemos que entender este tipo de comunicação iria requerer não apenas leitura aprofundada, mas sim de treinamento. Lembramos muito das recomendações da professora regente que mostrava como caminhar pela sala, como dirigir o olhar para os alunos, como ficar atento ao sinal de dúvida ou concordância dos alunos.

Mesmo não conhecendo em profundidade o modelo de comunicação, percebíamos que essa era uma questão a ser estudada para o melhoramento de nossa formação e principalmente para superar os impedimentos para o sucesso das aulas planejadas. Em meio a este processo de descobertas e desenvolvimento, as intervenções da professora durante as aulas foram de grande valia em vários aspectos, tais como, controle da classe, didática de ensino e postura durante as aulas.

No decorrer da regência, percebemos uma mudança no comportamento dos alunos. No início, ainda que tratadas como todo respeito, notávamos que os alunos optavam por evitar perguntas, mantendo uma relativa distância. Nos atentamos então para uma mudança de postura, mantendo a seriedade, porém intercalando com pequenos momentos de distração. Estes poucos e rápidos momentos acarretavam em menos tensão e maior relaxamento, tanto por parte dos alunos, quanto por parte de nós, estagiárias. Não queríamos uma hierarquia tão rígida que trouxesse barreiras à comunicação.

A partir de então notamos a importância da afetividade na relação aluno-professor como potencial para o processo ensino-aprendizagem, os alunos perderam o receio e a vergonha, passaram a solicitar ajuda nas atividades, questionar e fazer brincadeiras, mas sempre de forma respeitosa. Outrossim, houve uma melhoria no desempenho tanto dos alunos, quanto de nós professoras. Tornamo-nos mais receptivas aos alunos e eles, mais à vontade em participar da aula. Podemos, pois, interpretar essa relação de “amizade” entre aluno e professor como uma forma de afetividade e que tornou-se um fator gerador de confiança para que a construção coletiva de conhecimento fosse possível.

A afetividade é considerado um dos fatores que mais influenciam na formação do caráter do indivíduo, assim, adolescentes e crianças procuram na escola, atender algumas de suas necessidades afetivas (PIMENTEL, 1974). Na visão de Piaget (2005), a afetividade faz parte da inteligência e, seguindo essa perspectiva, Aquino (1996), ressalta que a existência de uma relação de afeto entre professor e aluno é necessária para que ocorra a aprendizagem.

Ferreira; Moreira; Silva (2002) descrevem no capítulo intitulado “A Didática da Afetividade” como a relação professor – aluno carece desse importante ingrediente. Neste capítulo, eles colocam o aluno como centro de toda preocupação do aprender e ensinar, pois, fazem parte de um mesmo processo e, dessa forma, é preciso que haja um diálogo, afetividade e empatia das duas partes que buscam solucionar o problema de um determinado conteúdo. Desse modo, entendemos que, na relação

professor-aluno, o professor deve considerar para além da capacidade cognitiva do aluno, os aspectos afetivos que também fazem parte do processo de aprendizagem.

Esta maior proximidade dos alunos e a efetiva participação destes durante as aulas nos possibilitou, ainda, um maior conhecimento quanto à realidade social de parte dos alunos. Este foi um ponto de extrema relevância visto que a Geografia é capaz de conduzir o aluno a uma maior compreensão do meio em que vive.

Callai (2001) defende a ideia de uma pedagogia que auxilie o aluno a estudar a realidade do meio em que vive, superando o olhar do senso comum e partindo para uma visão ampla e crítica da realidade. Para a autora, uma forma de se trabalhar a Geografia utilizando o cotidiano do aluno é através do estudo do lugar, que valoriza a própria vida, a história, e ainda, os grupos sociais que fazem parte do convívio do estudante.

Tomar como base a ideia de uma Geografia interativa com a realidade foi um facilitador na articulação dos conteúdos a serem trabalhados com a realidade cotidiana dos alunos. De forma clara eles perceberam a aplicabilidade da Geografia ao passo que sentiram inseridos no contexto do conteúdo, e não apenas uma Geografia apresentada de forma transcrita no livro didático.

E para além desta problemática, nossa preocupação se voltava em como iniciar um determinado conteúdo. Ao ter acesso ao livro didático nos foi passado qual conteúdo seria abordado, e a partir daí, passamos a refletir sobre quais seriam os primeiros apontamentos e primeiras frases que seriam utilizadas como chamariz para despertar nos alunos a curiosidade em aprender.

Ensaiai para iniciar uma aula pensando em cada palavra foi algo importante e indispensável. Tal preparação nos fazia sentir mais confiantes, com uma postura mais firme, resultando, conseqüentemente, em um melhor domínio da classe.

Ainda assim, percebemos que os imprevistos fazem parte das aulas. Como estagiárias responsáveis, buscávamos atuar de forma a nos aproximar da perfeição, o que certamente nos causava certa frustração quando algo durante a aula não saía como o milimetricamente planejado. Como aprendizes, passamos a objetivar a minimização das chances de falhas, além do mais, observamos que os contratemplos ocorriam, inclusive, com profissionais experientes. O diferencial está no tempo de experiência destes profissionais, que lidam com a situação de forma natural.

Outra questão que nos angustiava eram os comentários e as observações realizadas pelos próprios docentes quanto as suas condições de trabalho. O relato mais comum era referente ao baixo salário e a quantidade de trabalho que levavam para casa, e assim, os momentos em família, o lazer e os problemas particulares a serem resolvidos, eram muitas vezes, deixados em segundo plano, o que resultava no cansaço que era visível e seus rostos.

Apesar das inquietações, notamos que grande parte dos profissionais com os quais tivemos a oportunidade de conversar trabalha por gostar da profissão. Muitos nos relataram o prazer sentido ao ver um antigo aluno em uma universidade, ou mesmo já formado e com um bom emprego, descreveram

também a emoção sentida ao serem reconhecidos como antigos professores. Nesse sentido, assim como os relatos negativos nos afligiam e nos trazia para uma realidade que precisava ser discutida, por outro lado, os relatos positivos nos motivavam a driblar as dificuldades expostas.

Neste momento foi de grande importância os momentos de discussão durante as aulas de supervisão de estágio, onde pudemos expor nossas angústias mediante ao que ouvíamos na escola, ao passo que, tentávamos encontrar soluções que minimizassem os conflitos existentes. Estávamos em meio a bons profissionais que nos auxiliavam, nos esclareciam as dúvidas, ao mesmo tempo éramos motivados a prosseguir.

O medo é um sentimento natural e está presente quando uma determinada situação nos é desconhecida. Os erros, a timidez, as dúvidas, o nervosismo, a ansiedade, e como já citado, o medo, fazem parte do aprendizado, afinal, no estágio estamos como professores, ou seja, aprendendo o ofício.

Aprendemos neste período de estágio, convivendo com outros professores e alunos, que como afirma Cortez (2003), o professor nunca está plenamente preparado para a prática docente, e, portanto, se faz necessário a evolução de suas ações e, conseqüentemente, a melhoria de suas aulas, mesclando o essencial, que é a teoria, a descontração, construindo uma empatia, tentando entender como o aluno raciocina, quais linguagens prefere e principalmente, como é construído seu conhecimento até então.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser uma das problemáticas de muitos iniciantes na docência, observa-se que este texto não se referiu, especificamente, ao momento de transposição de conhecimentos oriundos da ciência geográfica, mas sim, de problemas em contextos gerais que podem ser analisados em qualquer instituição que ofereça a formação de licenciatura.

Os relatos citados referem-se a algumas das situações que ocasionam a desmotivação de muitos licenciados recém-formados que acabam por exercer outras profissões não vinculadas à área do ensino.

Evidentemente que não se pode descartar as inquietações quanto a ausência de vagas no mercado de trabalho e a constatação da falta de vocação para lecionar. No entanto, o que é mais frequente emergir durante as conversas, refere-se a indisciplina na sala de aula; ao medo de não saber como agir em situações adversas; os limites na relação entre alunos e professor; a dificuldade em se trabalhar o conteúdo, ainda que tendo domínio sobre ele; a busca pela perfeição, que acaba ocasionando angústia nos estagiários; e as difíceis condições de trabalho do docente, que em linhas gerais, são conseqüências econômicas, políticas, mas também sociais. Aparentemente, são inquietações particulares, mas nos chamam a atenção pela quantidade de relatos parecidos advindos de pessoas que desistiram de suas carreiras.

Frente a esta situação é importante pensar na preparação dos alunos de licenciatura para além da importante e fundamental transposição do conteúdo. Partindo do princípio de que são pessoas ainda em formação, repletas de expectativas e apreensões. É importante pensar em alternativas de preparação que contemplem o rigor e a seriedade, mas também, o lado humano destes profissionais.

É importante pensar que, muitos dos professores e professoras nos quais nos espelhamos, também passaram por momentos de dificuldade no decorrer de sua carreira profissional, sendo assim, situações adversas podem surgir em vários momentos, independente do tempo de experiência.

As dificuldades durante o estágio citadas neste artigo e que permanecem presentes na vida de muitos alunos, não devem ser ignoradas perante o medo de influenciar novos estudantes que almejam a docência como um ideal de carreira. É imprescindível que haja diálogo entre alunos e professores sobre as dificuldades de qualquer ordem que estejam ocorrendo no estágio.

É necessário também que as lacunas existentes na formação inicial dos professores sejam superadas, propondo uma articulação entre o pedagógico e o conteúdo disciplinar que atenda as expectativas e necessidades do futuro professor, para que sua atuação, tanto no estágio, quanto profissional, atinja as expectativas desejadas.

Falar abertamente sobre a profissão, apontando não apenas para questões positivas, mas também negativas, tratando, neste último caso, como problemáticas que necessitam ser expostas, visando a busca por soluções.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Grupo Summus editorial, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BORDENAVE, Juan Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: editora Brasiliense. 2001.
- CALLAI, Helena. Copetti. **A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino?** Terra Livre, São Paulo, 2001, 33-152.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CORTEZ, Cleide Diniz Coelho. Estudar...Aprender...Ensinar...Mudar...Transformar-se: Um processo contínuo. In: BARBARA, Leila; RAMOS, Rosinda de Castro Guerra. **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de letras, 2003. p. 221-234.
- GARCIA, Joe. **Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. 1999. Disponível em: <http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/275/229>. Acesso em: 21 maio. 2018.
- GOUVÊA, Maria das Graças de. **Estágio, supervisão e trabalho profissional**. 2008. Disponível em: <http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/viewFile/4/69>. Acesso em: 20 dez. 2012.
- MACEDO, Lino de. **O sistema cognitivo e a construção do conhecimento no campo da leitura e escrita**. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, s/d.
- MACEDO, Lino de. **Ensaaios construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- PASSINI, E.Y., PASSINI, R. e MALYSZ, S.T. **Prática de Ensino de Geografia e o estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTEL, Lago. **Noções de Psicologia**. São Paulo Ed. Melhoramento, 1974.

PIMENTEL, Carla Silvia; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estágios supervisionados na formação docente: educação básica e educação de jovens e adultos. ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. (org.) **A construção da profissionalidade docente em atividades de estágio Curricular: experiência na educação básica**. São Paulo: Cortez, 2014.

RODRIGUES, Valdes. A difícil missão de ser professor hoje. **Jornal Comércio da Franca**, n.20.349, 20 out. 2008.

SANTOS, Helena Maria dos. **O estágio curricular na formação de professores: diversos olhares**, In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, GT 8- Formação de Professores, 2005, Caxambu. Não paginado.

SILVA, Andréa Catarina, e SANTOS, Roseane Moreira dos. **Relação Professor Aluno: Uma reflexão dos problemas educacionais**. Universidade da Amazônia, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1994.